

Mal interpretada em diversos momentos, nivelada ao patológico pelos naturalistas, foi restaurada pela literatura moderna - lembremo-nos de D.H. Lawrence, Henry Miller, Joyce, e por que não das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Berreno?

Assim, *Memória Corporal* dá seguimento a essa verdade. São dos poemas mais belos e puros que tenho lido sobre o sentimento do amor, repito, única verdade, irrecusável, irresistível e irreversível.

Um canto geral de integração e de ternura, de paz e realização humanas.

## SUTIL TECIDO DE SAL E CONCHA

LÚCIA HELENA

Acabo de ler o livro de Roberto Pontes, e a associação que de pronto me ocorre remete-me ao conceito que a Psicanálise tem formulado sobre o texto literário: "escrever é evitar o assassinato do desejo". E se o homem é este ser desejan-te, espécie de Prometeu acorrentado, de Sísifo que continuamente se debate com a "pedra" da linguagem, meio de que dispõe tanto para o encontro como para a perda de si e do outro, esta associação me ocorre em relação ao texto de Roberto porque ele, de modo explícito, se realiza em consonância com a perspectiva estético-histórica, o amor cortês, no qual o lirismo é tematizado como manifestação do desejo nas suas múltiplas formas: seja na do desejo de escrever sobre o desejo, seja no de viver o desejo como escrita que o perpetua e resgata. Aliás, estas duas perspectivas se interrelacionam e alternam ao longo do livro, num marcante traço erótico. E não seria excessivo afirmar que a personagem central deste texto "desejante" é Eros, captado em todos os seus poros e latências.

Cada poema de *Memória Corporal*, livro em que até no título se tematiza a palavra se fazendo carne, reafirma incessantemente o ato de amor, através de expressivas e reiteradas metáforas, nas quais a poesia e o ato de escrever se confundem com o ato de fazer amor, num gesto múltiplo de que participam: a natureza, o amante e o objeto amado.

Surpreende-nos a riqueza e simbiose de elementos que a natureza captada pelo poeta congrega, principalmente marinhos: "Nessas águas de sal marinho / há cogumelos, enguias, hipocampos / nenúfares, ventosas e anêmonas" ("Hã Solstício Tropical"). A natureza ora se manifesta participante, à maneira das canções de amigo, em que as personagens e o amor aderem ao cenário, chegando a ganhar suas espécies o nome da paisagem em que decorre tanto a espera quanto o encontro ou a realização do amor. Ora se torna confidente, à maneira dos românticos, em que a ambiência tende ao lunar, ao silêncio, ao melancólico; ora, ainda, se mostra contundente, ao remeter, de modo inesperado, a correlações semânticas que instalam uma carga corrosiva, através das quais marca-se uma rup-

tura com o clima idílico predominante na obra: "Nos teus colares de coral rochoso / os sátiros fecundam salamandras / e entre moluscos de anemia e cloro / ejaculo gasolina incendiária" ("Há Solstício Tropical").

As personagens - tanto o amante como seu objeto amado - são apresentadas com tal capacidade de metamorfose que, a todo momento, a personagem masculina, como "fauno" de inesgotável sensualidade, se transforma em objetos fâlicos, através dos quais se desloca o significante (a "marca" do desejo) que percorre e constitui o verbo lírico: flechas, girassóis de amianto, dedos de aço e lua, dedos de sol e ferro - são algumas das "máscaras" poéticas desse Eros irrequieto que celebra o amor e tem sabor de sal. E sua "ninfa" metamorfoseia-se em pétala, terra, água e concha, no que o poeta retoma a imagem da flor-mulher, tão cara aos líricos, e os mitos do elemento fecundável, quer seja a terra a salgar, já que o amante é sal; quer seja a da concha do mar, que ao sal também converge: "Tu me dirás que sou forte / e tenho sabor de sal / ( . . . ) / Eu te direi que és lisa / e polida como uma concha" ("Este Nosso Encantamento").

E porque o texto se faz porta-voz de Eros, o desejo a todo instante também se metamorfoseia e desloca, transmudado em pássaro, gaivota, corda que vibra, corcel, raio e punhal - ao se referir à amada, numa sugestão de atividade/passividade, penetração/profundidade, na qual se expressa, de modo icônico, um determinado conceito da sexualidade masculina/feminina. Eis, então, que a mulher é apresentada, no texto, como motivo de desejo, impulsionada pela latência e espera, e o homem como o gesto que emite aquele que se apossa: "Passa por mim a sensação da posse / que me atormenta e dói comum um segredo / e vem com os passos de animal ferido / nas vísceras, nos nervos e no peito" ("Poema da Posse"); ou ainda: "e agora, ouve, / cantarei assim: / lábios de maçã suave, / mãos próprias e cabíveis nas minhas, / eu sou a fúria que desfêcha golpes, / eu sou aquele que conhece os prazeres ("Faltando Leite, Faltando Pão").

Desde "Cinco Prelúdios" até "Epitáfio", respectivamente o primeiro e o último poemas do livro, os temas da fecundação e da cópula se anunciam e tomam a forma da imagem de um sonho circular, no qual uma pétala é engravidada pelo pingo morno que lhe afoga o ventre e se faz "liberto, líquido, livre", ao acender-se a chama do amor pelos dedos da amiga, que lampejam na noite fria. Se isto é o que se tematiza no primeiro poema, que dá ensejo à abertura do ciclo da fecundação amorosa, no último texto - discurso da memória que flui - há o desdobramento final do ciclo que evolui ao longo do livro, e "Aqui jaz o amor um dia dito". E, como resta morto o amor, cabe à palavra poética resgatá-lo.

Este ciclo - fecundação/paixão/morte/resgate - do amor justifica o título da obra: *Memória Corporal*, além de explicitar o sentido que o poeta atribui ao termo memória. Este é apresentado, no texto de Roberto Pontes, como uma tentativa de se apreender, surpreender e suspender o tempo. Memória como a instância que torna possível ao homem resgatar, do círculo inexorável e destrutivo de

vida/morte, tanto o sentimento quanto as coisas. Como se a poesia, fazendo-se na cumplicidade com a memória, se tornasse uma "verdade indestrutível" e perpetuasse, para além de Cronos, a viagem de Eros.

Uma viagem lírica, em que a beleza do efeito rítmico-sonoro a todo momento nos relembra as melhores realizações da poesia lírica, dos cancioneiros ao hoje. Uma viagem de sensibilidade que nos penetra mansamente, à maneira do amor, e outras vezes avidamente, à maneira da paixão.

Esta obra do poeta cearense Roberto Pontes, que tece o amor no traço do homem e do nome, se apresenta como uma das melhores realizações da poesia lírica contemporânea. E, acredito e desejo, ocupará seu lugar.